

A avó

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

*Tenho uma velha tia,
Que tem um velho livrinho;
Dentro desse velho livro
Há uma folha velha e seca.
Também devem estar tão secas as mãos
Que outrora, na primavera, a colheram para ela.
Que terá a velha senhora?
Ela chora sempre que a vê!*

Anastasius Grün.

A avó é tão velha, tem tantas rugas e os cabelos inteiramente brancos, mas seus olhos brilham como duas estrelas; sim, são muito mais belos, tão mansos, tão abençoados de se olhar. E ela sabe as histórias mais encantadoras. Tem um vestido de flores grandes, de uma seda grossa que farfalha. A avó sabe tanta coisa, pois viveu muito antes do pai e da mãe, isso é bem certo! A avó tem um livro de hinos com grossos fechos de prata e lê nele muitas vezes. No meio está uma rosa, toda achatada e seca, que não é tão bonita como as rosas que ela tem no copo; mesmo assim, sorri para ela com a maior ternura, e até lhe vêm lágrimas aos olhos! Por que será que a avó olha assim para a flor murcha no livro velho?

Você sabe? Toda vez que as lágrimas da avó caem sobre a flor, as cores se avivam, a rosa se expande e a sala inteira se enche de perfume. As paredes desaparecem como se fossem apenas névoas, e em volta está a floresta verde e

bela, onde o sol brilha entre as folhas. E a avó — sim, é bem jovem, é uma bela moça de cabelos loiros, de faces redondas e vermelhas, linda e graciosa; nenhuma rosa é mais fresca. Mas os olhos, os olhos mansos e abençoados — sim, ainda são os da avó! Ao seu lado está sentado um homem jovem e vigoroso; ele lhe oferece a rosa, e ela sorri. Mas a avó não sorri assim! Sim, o sorriso vem. Ele desapareceu; passam muitos pensamentos, muitas figuras! O belo homem desapareceu, a rosa está no livro de hinos, e a avó — sim, está de novo sentada como uma velha senhora, olhando a rosa murcha que está no livro.

Agora a avó morreu!

Ela estava sentada na poltrona, contando uma história encantadora. Disse que agora chegara ao fim, que agora estava cansada, e recostou a cabeça para dormir. Respirava, dormia, mas tudo foi ficando cada vez mais quieto, e seu rosto estava tão cheio de paz e felicidade que parecia iluminado pelo sol. Ela sorria, e então disseram que havia morrido.

Foi posta no caixão preto, envolta no linho branco. Estava tão bonita; os olhos estavam fechados, mas todas as rugas tinham desaparecido. Repousava com um sorriso nos lábios; seus cabelos eram tão brancos como prata, tão veneráveis! Não se tinha medo algum de olhar a morta: era a querida avó, tão bondosa. O livro de hinos foi posto no caixão, debaixo de sua cabeça, como ela mesma pedira. A rosa estava no livro velho. E então enterraram a avó.

Sobre a sepultura, bem junto ao muro da igreja, plantaram uma roseira. Ela ficou cheia de rosas, que acenavam ao vento e diziam umas às outras: “Como é bom florescer à quente luz do sol! Como é bom banhar-se em orvalho e luar! E, quando estamos mais belas que nunca, vem uma mão carinhosa e nos colhe

para a mais encantadora moça. Como ficaremos vermelhas, como exalaremos perfume!”

O rouxinol ouviu o que as rosas diziam e cantou sobre a rosa que a jovem moça pusera no livro de hinos, sobre a rosa que ali ficara guardada até as faces frescas se enrugarem e a jovem moça se tornar uma velha senhora. Como é bom viver na lembrança!

Enquanto o rouxinol cantava sobre as rosas e sobre a sepultura, o órgão da igreja tocava os belos hinos que estavam no livro debaixo da cabeça da morta. A lua brilhava tão grande e redonda, mas os mortos não estavam ali. Qualquer criança podia ir tranquilamente à noite colher uma rosa junto ao muro do cemitério. Um morto sabe mais do que todos nós, vivos, sabemos. Os mortos conhecem a angústia que sentiríamos diante do estranho, se surgissem entre nós. Os mortos são bons e amorosos; não querem nos assustar, não vêm. Há terra sobre o caixão e terra dentro dele. As páginas do livro de hinos são pó; a rosa, com todas as suas lembranças, se desfaz em pó. Mas, lá em cima, florescem rosas novas; lá em cima, o rouxinol canta e o órgão toca. Pensamos na querida avó de olhos mansos e eternamente jovens. Os olhos nunca podem morrer: os nossos um dia a verão jovem e bela, como quando ela beijou pela primeira vez a rosa vermelha e fresca que agora é pó na sepultura.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/a-avo>